



# REPARAR A PERDA OU RIR À BEIRA DO ABISMO: AS ESCRITAS ELEGÍACAS DE JORGE GOMES MIRANDA E JOSÉ MIGUEL SILVA

*Julio Cattapan*

*Orientadora: Profa. Dra. Ida Alves*

*Doutorando*

RESUMO: O mundo contemporâneo é caracterizado pela experiência da perda, do vazio e da falta. O discurso elegíaco firma-se na poesia portuguesa recente como o modo privilegiado de dizer essa experiência de perda nas grandes cidades capitalistas. No entanto, não se trata aqui de uma elegia que se limite a lamentar a perda de um objeto diletto, como vulgarmente se atribui ao discurso elegíaco, mas de uma escrita lírica que denuncia a condição de perda ao mesmo tempo que resiste a ela. Com esse entendimento de elegia enquanto discurso de resistência, analisamos comparativamente as escritas poéticas de Jorge Gomes Miranda e José Miguel Silva, poetas portugueses que começaram a publicar no apagar do século XX. A poesia do primeiro é atravessada pelo anseio de reparar a situação de perda do mundo contemporâneo, ainda que tragicamente consciente de seu inevitável fracasso; ela atualiza a função educativa da elegia grega arcaica e clássica e a perseguição de um ideal da elegia romântica, num esforço por conscientizar o leitor em direção à realização de um determinado ideal de homem e de sociedade. Quanto a José Miguel Silva, sua poesia aprofunda o sentimento de desencanto e niilismo característico da poesia dos séculos XX e XXI, mas agora movida por um riso sarcástico que derruba os baluartes morais da sociedade de consumo.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia portuguesa contemporânea, elegia, Jorge Gomes Miranda, José Miguel Silva.

Esboçamos neste artigo uma análise comparativa das escritas poéticas elegíacas de Jorge Gomes Miranda e José Miguel Silva, dois poetas contemporâneos portugueses, estreados no fim da década de 1990 e geralmente associados ao grupo dos chamados poetas sem qualidades. Interessa-nos em suas escritas líricas a configuração de um discurso elegíaco

que se apresenta não tanto como um discurso lamentoso por uma perda, mas principalmente como um discurso que busca de algum modo resistir à situação de perda característica da sociedade de consumo atual. De fato, o mundo contemporâneo é caracterizado pela experiência da perda, do vazio e da falta em meio a uma cultura do excesso: excesso de produção industrial e de consumo, excesso de estímulos aos sentidos, de imagens publicitárias e midiáticas, de informação, de velocidade das mudanças tecnológicas, de deslocamentos humanos; falta ou escassez, por sua vez, de relações afetivas significativas e duradouras, de sentidos para a existência, de referenciais identitários sólidos, de ideais, utopias e valores, de perspectivas quanto ao futuro da coletividade, de crença na salvação do homem.

É contra esse mundo em perda que as escritas elegíacas de Jorge Gomes Miranda e José Miguel Silva vão se insurgir. No entanto, antes de abordarmos suas escritas poéticas, faz-se necessário um breve passeio pela história da elegia e uma tentativa de definir melhor o termo, seja para identificar como as obras poéticas que serão analisadas se situam em relação à tradição do gênero, seja para mostrar como a elegia pode ser um discurso de resistência, e não apenas de lamento passivo.

Em suas origens na Grécia arcaica e clássica, a elegia era definida sobretudo por aspectos formais, por uma métrica fixa: poemas escritos em “dícticos elegíacos”, compostos de um hexâmetro e um pentâmetro. Utilizados pela primeira vez por volta de meados do século VII a.C., os dícticos elegíacos serviam a objetivos bastante diversos na sua gênese grega. Segundo Rui Lage, “a elegia serviu para exortar à coragem guerreira, veicular os caprichos da relação amorosa, chorar as dores do exílio, cantar a alegria convivial, transmitir preceitos morais e filosóficos, ou até educar os cidadãos na civilidade e na justiça (como fez Sólon)” (LAGE, 2010, p. 165). Não havia, portanto, uma temática em comum que atravessasse e unificasse os vários poemas elegíacos daquela época.

A partir do século VI a. C., o díctico elegíaco vai gradativamente assumindo uma função mais definida. Possivelmente por sua semelhança formal com os epitáfios, o díctico elegíaco começa a ser adotado com objetivos fúnebres. Segundo Maria de Fátima Silva (2010, p. 126), no fim do século seguinte, a definição de *élegos* como um “canto lamentoso” torna-se mais amplamente aceita e difundida.

Progressivamente, a elegia consolida-se como o gênero por excelência do luto e do lamento pela perda, inicialmente pela morte de personagens de importância histórica, depois pelos mortos em geral, inclusive os entes de afeto mais próximos, e, finalmente, pela perda ou ausência de um objeto dileto que pode assumir uma infinidade de formas: a elegia lamenta objetos perdidos tão variados quanto

os mortos, quer os próximos quer os distantes, quer os que resultam de uma perda privada, quer os que resultam, por exemplo, de uma guerra ou de uma catástrofe natural; a identidade, por exílio ontológico; a pátria; o amor; um ideal; uma utopia histórica; Deus ou os deuses; a infância; a natureza, e, à medida que se iam descobrindo os limites da linguagem, a perda da própria elegia e a perda da própria poesia. (LAGE, op. cit., p. 165)

A elegia perde a métrica que a definia, assumindo várias medidas e modelos, ou mesmo a ausência de metrificação. Passa a ser identificada não mais por aspectos formais, mas pela temática. Segundo Ribeiro, “é a determinação temática própria de um poema de substância lutuosa ou melancólica, virado para o passado ou para um objecto visto como irremediavelmente perdido, que se torna corrente e vai dominando o senso comum sobre o gênero” (RIBEIRO, 2010, p. 151). A elegia chega ao século XX já sem se definir como uma forma literária fixa, mas sim como uma espécie de estado de espírito ou de modo de estar no mundo que pode assumir as mais variadas formas.

No entanto, até meados do século XIX, principalmente no período romântico, a elegia não apenas lamenta a perda, mas busca também uma sublimação ou reparação dessa perda. A elegia empreende uma tentativa de recuperação ou compensação de um passado ideal perdido, surgindo do impulso de reordenar o mundo, de trazer novamente o concerto ao desconcerto de um mundo presente degradado, ainda que tragicamente consciente da distância quase intransponível entre ideal e realidade.

Nessa esperança de compensação ou reparação, a elegia assume, desde suas origens gregas, uma espécie de missão educadora, pois busca conduzir sua audiência no caminho da realização de um ideal, que pressupõe o restabelecimento de determinados valores perdidos. Já a elegia guerreira — o tipo de elegia mais antigo de que se tem notícia, com poemas do século VII a. C. — desempenhava uma função pedagógica e política, exortando os jovens para a guerra em defesa de uma coletividade. Ela vem chamá-los à responsabilidade pelo bem-estar coletivo, revelando a “sua missão de educadora, em uníssono com toda a restante

literatura arcaica” (SILVA, 2010, p. 127). A elegia grega defendia, enfim, os valores e princípios morais e éticos que deveriam reger a *pólis*, principalmente o princípio de justiça e o valor da coragem guerreira.

Nessa linhagem de elegia podemos inserir, com as devidas atualizações e modificações, a poesia de Jorge Gomes Miranda. O sujeito lírico de Miranda por vezes se dirige aos jovens, transmitindo-lhes ensinamentos como na elegia grega arcaica e clássica, mas que agora resultam da experiência de perda que caracteriza o contemporâneo; ensinamentos impregnados, portanto, de amargor e pessimismo:

[...]  
Jovem, que por aqui passas,  
não tenhas desígnios particulares,  
nem busques nos editais  
a felicidade.  
Cedo aprende que nesta terra  
de nada vale mostrarmo-nos  
descontentes.  
Se ficamos de pé ou sentados a  
clamar ao deus  
das contribuições alfandegárias  
é indiferente.  
[...]  
(MIRANDA, 2008, p. 10-11)

Percebe-se em Miranda um desejo nostálgico de um passado em que ainda se encontravam preservados os afetos e o sentimento de estar seguro no mundo:

#### ANOS 70

Esse bairro, na cidade dolente,  
irradiava circular segurança:  
aí a morada, hoje derruída,  
da amizade, chegada a noite,  
não necessitava de ferrolho;  
aí ninguém, nem mesmo a chuva,  
tinha motivos para estar de sobreaviso.  
Sentimento de alarme, proximidade de perigo,  
encontrou-o, mais tarde, nos sítios  
onde existe funda oposição  
entre o conhecimento e a liberdade.  
(MIRANDA, 2004a, p. 35)

No entanto, esse sentimento de luto, ocasionado pela perda de determinados valores, é contrabalançado pela crença de que a poesia, apesar das adversidades que enfrenta no

mundo atual, pode ainda evitar a decadência total do homem, preservando-lhe a sensibilidade numa realidade midiaticizada que o embrutece:

[...]  
Antes de responder à interminável questão  
da utilidade da poesia  
diante de uma plateia envelhecida na Internet  
e nos jogos de computador,  
sorvi um copo de água  
para que a resposta  
surgisse sóbria e cristalina «Provavelmente  
para não embrutececer diante da televisão  
a odiar por dentro os colegas de trabalho  
e os familiares.»  
[...]  
(MIRANDA, 2003, p. 63)

Apesar do amargor provocado pela experiência de viver no contemporâneo, há ainda em Miranda a crença de que a poesia, ao contribuir para resgatar os afetos e valores perdidos, pode ainda salvar um homem urbano doente, como formulado mais explicitamente num verso que diz: “A poesia é como a medicina, pode curar.” (MIRANDA, 2004b, p. 49). Ela vem oferecer-lhe um refúgio reparador num mundo incapaz de fornecer abrigo: “antes que a tempestade devaste a nossa parte do mundo / gostava de lhes dar a hospitalidade do poema: / palavras, gaze, respiração assistida” (MIRANDA, 2008, p. 55). A poesia seria capaz de instituir ficcionalmente um lugar de comunhão entre os homens, pois a própria mão que escreve “faz parte de uma comunidade: / o espaço e o tempo onde nos é dado viver” (MIRANDA, 2007, p. 11). E esse lugar de partilha seria sustentado pelos afetos, preservados pela poesia enquanto lugar de inscrição de uma memória afetiva comum: “A poesia guarde o que teceu o coração” (MIRANDA, 1995, p. 57).

Apesar de se aproximar de Miranda pela escrita elegíaca marcadamente política, José Miguel Silva reage distintamente à experiência da perda e do vazio. Sua poesia abandonou de vez quaisquer resquícios românticos, dominada pelo pessimismo, pela descrença cínica em qualquer possibilidade de redenção do homem, numa fratura identificada por Maulpoix na poesia moderna:

...] a entrada na modernidade poética, em meados do século XIX, faz-se por meio de uma virada crítica contra as complacências chorosas dos românticos.

[...] Trata-se então de abandonar a postura de languidez em prol de mais reflexividade. É nas discordâncias mesmo da reflexão que o sentimento elegíaco vai se abrigar e se aprofundar.

[...] A fratura e a discordância constituem, a partir de então, a tonalidade mais importante do sentimento elegíaco. (MAULPOIX, 2000, p. 206-207) (tradução nossa).

O discurso elegíaco de Silva é marcado por um niilismo renitente, característico da elegia moderna e contemporânea, num processo que se inicia no fim do século XVIII, mas se intensifica mesmo no fim do XIX. Segundo Lage,

[o] traço fundamental da elegia moderna e contemporânea é a sua secularização, que deriva da secularização da morte, da perda e do luto. Esse processo terá tido início no final do século XVIII: com o nascimento da clínica, diz-nos Foucault, “a saúde substitui a salvação”. Nas *Flores do mal* de Baudelaire o cadáver surge-nos já destituído de metafísica, e a morte positivada. Mas tudo se acelera em 1882, quando Nietzsche anuncia, em *A gaia ciência*, que “Deus morreu”. Com essa proclamação simbólica do deicídio inicia-se uma caminhada imparável da metafísica rumo à ontologia e da transcendência rumo ao niilismo e ao desencanto. (LAGE, op. cit., p. 167-168)

A ironia e o sarcasmo surgem em Silva como forma, não de sublimar ou reparar a perda, mas de lançar ao ridículo ideais de conduta e valores morais que já não podem produzir qualquer efeito no mundo contemporâneo além de ocultar sua real situação:

#### QUEIXAS DUM UTENTE

Pago os meus impostos, separo  
o lixo, já não vejo televisão  
há cinco meses, todos os dias  
rezo pelo menos duas horas  
com um livro nos joelhos,  
nunca falho uma visita à família,  
utilizo sempre os transportes  
públicos, raramente me esqueço  
de deixar água fresca no prato  
do gato, tento ser correcto  
com os meus vizinhos e não cuspo  
na sombra dos outros.

Já não me lembro se o médico  
me disse ser esta receita a indicada  
para salvar o mundo, ou apenas  
ser feliz. Seja como for,  
não estou a ver resultado nenhum.  
(SILVA, 2014, p. 27)

O riso irônico surge como único meio de manter-se imperturbável frente ao vazio existencial contemporâneo; riso, portanto, à beira do abismo, como mecanismo não apenas de resistência, mas também de sobrevivência.

Ao contrário de Miranda, a poesia para Silva não é capaz de promover qualquer tipo de redenção do homem, pois é o discurso de uma perda irreparável. A arte, de um modo geral, não seria capaz de deter, muito menos de reverter, o processo de degradação do homem contemporâneo:

#### EXAME DE ESTÉTICA

*My rock & roll friend.*  
The Go-Betweens

Eu estava na Lavadeira à espera do César  
que me prometera 10 gramas para as 6,30  
quando um desgraçado me trouxe a notícia  
de que o Artur fora encontrado em casa  
com a morte a correr-lhe nas veias.  
Oh terríveis 6 horas da tarde, eu tinha  
na manhã seguinte um exame de Estética  
e a questão era responder para que serve  
a arte, se não impede a mudança,  
se não faz que estejas aqui ao pé de nós  
a ouvir o último dos Go-Betweens.  
Não serve para muito, serve apenas  
para escudar uma sombra, para escorar  
as lágrimas, para que a morte não seja  
a penúltima a rir.  
(SILVA, 2003, p. 42)

No entanto, a ironia faz com que o discurso poético de Silva deva ser lido em negativo, surgindo como meio de conduzir a uma verdade ocultada pela moral vigente. Segundo Joana Matos Frias, há em Silva “o culto continuado de uma muito especial ironia cínica que repudia todos os tabus em nome da verdade poética, entendida como a única forma possível de dizer o mundo” (FRIAS, 2014, p. 38).

Desse modo, a poesia de Silva acaba por se aproximar da poesia de Miranda, pois, ao mesmo tempo que revela uma determinada verdade sobre a condição atual das sociedades capitalistas, ela torna o leitor corresponsável por essa condição. Subjaz ao cinismo do sujeito de Silva um desejo de deslocar a percepção do leitor e incitá-lo a uma autocrítica transformadora, como o faz Miranda, ainda que atravessado pela certeza da impossibilidade

de qualquer mudança, dada a real situação do mundo contemporâneo. Segundo ainda Joana Matos Frias,

o cinismo que rege a enunciação [na poesia de Silva] vem contrariar toda uma tradição poética essencialmente elíptica e metafórica, assente no tabu, mediante a adoção de uma atitude deliberadamente imoral que consiste em defender um ponto de vista escandaloso pois, ao contrário do tabu, onde se proíbe porque se arde de vontade de profanar, no cinismo profanase para aprofundar o respeito e não deixar nada implícito ou latente; (...) através desta estratégia cínica fundada num princípio de autenticidade, o poeta consegue “infectar” o leitor, como queria Tolstoi, e com isso gerar empatia e torná-lo também uma consciência responsável. Quer dizer: lá onde o leitor sempre manteve, apesar de tudo, uma distância bastante confortável perante a enunciação poética, cria-se agora um vínculo ético – de base interlocutiva –, que implica a partilha da consciência infeliz perante o malestar da civilização. (Ibid., p. 40)

Portanto, as escritas poéticas de Miranda e Silva dialogam com momentos distintos da tradição elegíaca, mas ambas são mobilizadas por um desejo de resistência contra um mundo percebido em situação de perda e de precariedade, principalmente no que se refere aos valores que norteiam o coletivo. Desse modo, elas se distinguem entre si pelo modo como cada uma resiste, engendrando linguagens diferenciadas, mas se aproximam enquanto escritas elegíacas que recusam o lamento passivo e utilizam a perda como catalisadora de discursos poéticos de resistência.

## REFERÊNCIAS

FRIAS, Joana Matos. “Ao terror do outro respondemos com pedradas cegas: notas sobre o desconforto na poesia portuguesa contemporânea”. *Revista do CESP*, Belo Horizonte, v. 34, n. 51, p. 25-45, jan.-jun. 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/view/6923>. Acesso em: 7 out. 2016.

LAGE, Rui. Somos aquilo que perdemos: a elegia e as suas perdas na poesia portuguesa moderna e contemporânea. *Relâmpago: Revista de Poesia*, Lisboa, n. 27, p. 163-176, out. 2010.

MAULPOIX, Jean-Michel. *Du lyrisme*. Paris: José Corti, 2000.

MIRANDA, Jorge Gomes. *O que nos protege*. Guimarães: Pedra Formosa, 1995.



\_\_\_\_\_. *Este mundo, sem abrigo*. Lisboa: Relógio D'Água, 2003.

\_\_\_\_\_. *Pontos luminosos*. Lisboa: Averno, 2004a.

\_\_\_\_\_. *O caçador de tempestades*. Lisboa: & etc, 2004b.

\_\_\_\_\_. *O acidente*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007.

\_\_\_\_\_. *Resgate*. Barcelos: Fundação Serralves, 2008.

RIBEIRO, António Sousa. 'A face calada da noite'. Percursos da elegia no espaço de língua alemã. *Relâmpago: Revista de Poesia*, Lisboa, n. 27, p. 151-161, out. 2010.

SILVA, José Miguel. *Vista para um pátio seguido de Desordem*. Lisboa: Relógio D'Água, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ulisses já não mora aqui*. Língua Morta: 2014.

SILVA, Maria de Fátima. Nas origens da elegia. *Relâmpago: Revista de Poesia*, Lisboa, n. 27, p. 123-138, out. 2010.